

CRÍTICA

Yanomami e nós

(Pacto de Vida)  
Milton Nascimento e Fernando Brant

Ter de resistir à dor, à dor  
sem compreender por que a dor, a dor  
ter de suportar, viver a dor, a dor  
e sem merecer a dor, a dor  
se é este o meu destino, quem é o algoz  
que o traçou?  
quem me contaminou?  
quem me doou a dor?  
homem não existe para ser só animal  
a sua história é mais que corporal  
abre os sentidos para ter  
a liberdade  
com todo mundo que é seu igual  
e solidário  
pensará  
amará  
sonhará  
saberá  
que a felicidade da cidade não tem  
que o mato matar  
ai a dor vai nos unir  
o fim da dor começa é assim  
é o filho que não pára de crescer  
a fruta que vai madurar  
aquela mão, aquela paz morena  
é aquele olhar  
que é sempre verde verdejar  
é aquele gesto humano  
é aquela voz humana  
é aquele amor humano  
que chega e diz que vai ficar

Curi Curi

Livre interpretação do índio Tsaqui Waiãpi  
Texto e fala de River Phoenix

Dormem os nossos amigos da floresta.  
Enquanto isso, nós trabalhamos contra a corrente  
e  
contra eles próprios.  
Quando acordam estão condenados como  
condenamos  
o rio — linha de sangue materno que os alimenta  
— e já  
os teremos despojado de seus sons, danças, ritos  
e  
linguagem, tentando substituir tudo. Então  
dizemos:  
— Sinto muito. Há uma explicação: o mundo  
verdadeiro  
é assim. Progresso é destruição, desenvolvimento  
é dinheiro. Isto é evolução, isto é um ótimo  
negócio!  
Prestem atenção, nossos irmãos não precisam das  
nossas  
palavras para descobrir que os tratamos  
desavergonhadamente, que nós, simplesmente, os  
vendemos assim como as nossas próprias almas.  
Escutem...

**Txai** — palavra da língua dos índios  
*Kaxinawa*... adotada por índios, serin-  
gueiros e ribeirinhos, no Acre, como tra-  
tamento de respeito e carinho a todos  
os aliados dos povos da floresta. Com-  
panheiro: uma metade de mim.

# Txai é o grito doce selvagem de Milton

Após 25 discos, Milton Nascimento anda dezoito dias pelos caminhos dos povos marcados para morrer

RODRIGO LEITÃO

**T**xai é um tratado antropológico e lúdico, realista e de protesto urgente que Milton Nascimento lança ao mundo, para mostrar a pouca vergonha que vem corrompendo os hábitos, costumes, cotidiano e saúde das comunidades indígenas brasileiras e as populações ribeirinhas (com seringueiros) da Amazônia Legal.

River Phoenix, o jovem ator norte-americano que encantou a Milton e recebeu dele uma canção homônima no disco passado, participa de *Txai* com um texto surpreendente, revelando-nos, ainda, uma outra visão do genocídio que o "Progresso" está praticando contra os mais nativos dos brasileiros. Intermediado por cânticos originais das tribos (Yanomami, Kayapó, Paiter, Waiãpi e mais ribeirinhos e seringueiros), visitados nos 18 dias de uma viagem iniciada em São Paulo; ano passa-

do, durante a turnê de *Miltons*, quando o cantor abriu o palco à União das Nações Indígenas e Conselho Nacional dos Seringueiros para comunicarem ao "povo da cidade" a aliança firmada entre eles para defender suas terras e recursos naturais; e encerrada, como trabalho, após seguirem o curso do rio *Juruá*



(que agora deve entrar definitivamente na Geografia Nacional), partindo de Cruzeiro do Sul, no Acre, e chegando até a fronteira com o Peru.

"Horas de navegação e conversa" que resultaram numa obra-prima da música brasileira, a partir de hoje, merecendo ser totalmente popular. Milton trouxe de volta a seu trabalho a boa música, o texto contundente e a união agradável da poesia lúdica (como em *Benke* o canto curumim do

povo Kampa, interpretado em dueto com o garoto Leonardo Bretas, de oito anos) com os versos realistas de um desgovernamento oficial, capaz de ignorar a força produtiva e criadora e o pensamento do homem nativo, a bem de um progresso incompetente. Incapaz de conceber a geografia como terra e oportunista o suficiente para subvertê-la como matadouro. E como bem definiu Fernando Brant em *Yanomami e Nós*, "Homem não existe apenas para ser animal".

O disco produzido por Márcio Ferreira, orquestrado e regido por Wagner Tiso, é mais que um louvável cântico aos Povos da Floresta e seu título expressa bem esta intenção *Txai* significa companheiro, "metade de mim", como definiu um seringueiro ao cantor. E esta é a resposta solidária de Milton Nascimento para o caótico falatório político que dita regras, demarca terras e nada faz de concreto para conter a destruição do

Pulmão do Mundo. *Txai* é uma história antes guardada e agora traduzida por música de nível superior ao da pasteurização sonora permitida para infestar nossos canais de rádio e TV, além de um alerta para um problema contestado e preocupante em todo o Planeta.

Os índios, cantando cinco temas originais, gravados ao vivo nas próprias tribos; chorando suas necessidades simples, são a melhor prova disto: é hora do Gigante adormecido despertar e olhar para seus pés, que estão descalços sobre um chão frio, mas fértil e produtivo — como as canções deste belo álbum de Milton Nascimento, cujas melodias envolventes e textos justificativos ele não produzia há tempos.

Esta advertência sonora chega às lojas hoje e seria importante que o público ouvinte das rádios brasileiras (porque lá fora vai tocar com certeza) tivesse acesso a estes acordes, letras e sons que

palavras não conseguem traduzir na íntegra. Mesmo contendo um repertório difícil para ser assimilado pela bitolada cartilha de programações radiofônicas e televisivas — que só executam *Coisas da vida*, a canção de menor importância deste disco — deveria ser obrigatória a veiculação de pelo menos dois temas deste primoroso álbum *Yanomami e Nós e Curi Curi* que mesmo recitada em inglês pelo jovem River Phoenix, pode despertar o interesse para a tradução no encarte: um soco na cara de quem tem vergonha para admitir que vivem "índios" nos grandes centros urbanos do país.

□ TXAI — Milton Nascimento (CBS Discos — 1990), 25º disco do cantor-compositor. Produzido por Márcio Ferreira com direção musical e arranjos de Milton Nascimento. Regências e orquestrações de Wagner Tiso. Participações especiais de Marliu Miranda e River Phoenix. Dez canções de Milton e cinco temas indígenas num total de 15 faixas. Preço médio Cr\$ 1.030,00.

# Milton Nascimento canta amizade entre povos e irmãos

RODRIGO LEITÃO

Chega às lojas de todo o País, hoje, o 25º disco de Milton Nascimento, *Txai*, cujo conteúdo sonoro e poético é um dos melhores retratos sócio-culturais dos seringueiros, comunidades ribeirinhas do rio Juruá (Acre) e, sobretudo, das nações indígenas. Um projeto que teve sua viagem prática em 18 dias percorrendo as matas, as tribos e os rios, surgido do interesse dos próprios índios pela sinceridade de Milton quando avançou no tempo e projetou suas preocupações ecológicas com *O Milagre dos Peixes* (73), *Avá-Canoeiro* (79) e mais os discos *Gerais*, *Clube da Esquina 2* e *Iauaretê*.

*Txai* chega à luz do mundo industrializado e poluído, envolvido na mitologia da floresta, no canto dos animais e nas questões mais sérias que atormentam os povos da floresta. É um trabalho de difícil assimilação radiofônica e conta com produção de Márcio Ferreira, colaboração de André Villas-Boas, orquestrações de Wagner Tiso, presença de Davi Yanomami e River Phoenix (o jovem ator norte-americano que Milton conheceu por um filme visto nos Estados Unidos).

Um tratado ecológico que obedece às preocupações internacionais e vai contribuir para pressionar o governo brasileiro a tomar, realmente, uma atitude digna em relação aos nossos índios, aos ribeirinhos e aos seringueiros que vivem no Acre. Em entrevista ao *Caderno 2*, Milton Nascimento conta parte desta história, que sairá brevemente também em livro e vídeo, elementos de complementação desta obra que serão parte integrante dos shows de divulgação, aqui e no exterior.

**JBr — Este trabalho tem o objetivo principal de divulgar a causa indígena ou vai ficar como alerta? Quais são os projetos de divulgação do disco?**

**Milton Nascimento —** As duas coisas, serve para divulgar a causa e alertar também. Esse disco vai sair acompanhado de um livro desenhado pelo artista plástico paulista Rubens Matuck, que foi na viagem e conhece bem a Amazônia. Ele foi desenhando tudo e os textos são meus. Terá um vídeo com imagens do percurso e das tribos gravado pelo Sedi. Sempre que for possível iremos apresentar essas pessoas no palco, durante os shows e nas entrevistas, para que todos possam contar esta história e não ficarmos apenas no disco. Dependendo do espaço, nas apresentações, colocaremos telões para veicular o vídeo e até participação ao vivo dos índios.

**— Qual foi o estímulo que os índios tiveram para usar você como veículo deste trabalho e de seus protestos?**

— Há muito tempo canto coisas relacionadas às florestas. *O Milagre dos Peixes* foi o primeiro trabalho neste sentido, em 73. No *Gerais* eu cantei *Promessas do Sul* que fala dos índios e no *Clube da Esquina 2* entrei com *Canoeiro* e *Testamento*, com o mesmo enfoque. Quando gravamos o *Iauaretê* havia a canção *Planeta Blue* que foi traduzida em cinco

# T · x · a · i

Foto: Márcio Ferreira



Milton canta com seringueiros (Dolô ao pandeiro e Osnildo no chocalho) itinerantes na breve viagem do País devastado

línguas indígenas, e aí foi o primeiro passo para nos aproximarmos mesmo. Depois disto foi instituída a Aliança dos Povos da Floresta e eu já estava com a idéia de fazer este trabalho. Calhou, à época, de eles me procurarem, por acreditarem nesses trabalhos anteriores. Hoje faço parte da Aliança e estou em tudo que os índios precisarem de mim. Eles facilitaram as coisas para este projeto, mandando fitas para eu ouvir e organizando toda a viagem, para que eu pudesse ver de perto e depois falar.

— *Txai*, com exceção de *Coisas da Vida*, é uma trilha difícil para entrar no rádio brasileiro. Qual é a sua estratégia para colocar outra canção na mídia, como por exem-

plado *Yanomami* e *Nós*? — Não sei, acho que isto a gente vai ter que pensar em conjunto, a produção, eu e a CBS. E tem que ser pelo lado da coisa ecológica mesmo. A partir dos shows essas outras canções vão se tornar conhecidas e isso vai ajudar, mas vai depender muito também da boa vontade dos veículos de comunicação.

— **O que te marcou mais nesta viagem pelo rio Juruá e no contato mais próximo com os índios?**

— Foram várias as coisas marcantes, como as várias faces da floresta, desde a parte bonita do verde, dos animais e das pessoas que habitam aquela região até às queimadas, a parte feia. Me marcou muito ter

presenciado o que eles chamam de *empate*, quando os tratores chegam para derrubar a mata e as pessoas, famílias inteiras, dão as mãos como um cerco e o trator só passa se for por cima deles. Meu barco chegava a um pequeno porto quando vi esta cena. Eu já tinha ouvido falar mas nunca pensei que fosse assim. Há muita inteligência, sagacidade, tenacidade e poesia nessas pessoas.

— **Você fez a *Missã dos Quilombos*, um trabalho com base na vivência negra no Brasil, sempre destacou este lado da sua criação, através da influência mineira. Agora, após passar pelo assunto, entrou nas matas, nos rios, conheceu seringueiros e índios. Essa guina-**

**da marca uma nova era na carreira de Milton Nascimento?**

— Acho que sim, este é um trabalho todo voltado para uma questão, cuja a informação é tanta que não cabe só em um disco. Mas isto não significa que eu só vá fazer discos assim daqui para a frente. Mas isto mexeu definitivamente comigo, é uma nova era sim.

— **A fala em inglês do ator River Phoenix em *Curl Curl* vai chegar mais fácil no mercado americano ou você considera que todo o trabalho será bem aceito por lá?**

— De qualquer maneira, vai ser bem aceito. Agora, a participação tanto do Davi Yanomami — por questões óbvias —, quanto do River — pe-

lo trabalho que ele desenvolve por lá —, vão contribuir. Eu coloquei o River pelo que ele faz desde os 7 anos, é um batalhador das causas ecológicas. Tive a idéia de chamar alguém para falar em inglês e pela vida dele resolvi convidá-lo. Não vou fazer versões deste disco para o inglês. Vai sair lá com traduções. Mas foram participações muito importantes.

— **Paul Simon fez uma obra similar à sua com *Graceland*, pelo lado africano da música. Sting também andou percorrendo algumas tribos brasileiras. Qual a diferença de *Txai* para estes trabalhos?**

— Eu acho que tem o mesmo sentido que o Paul Simon deu ao *Graceland*. Ele foi lá na África e abriu os olhos do mundo para a música africana e a temática da África. O Sting é uma atitude muito importante porque ele percorreu o mundo colocando o problema do índio brasileiro e da Amazônia ao lado do Raoni. Estamos jogando no mesmo time e por isso fazemos parte das mesmas organizações internacionais como o *Greenpeace* e a *Anistia Internacional*, além da *Fundação Daniele Miterrand*. E eu ainda sou da *Aliança dos Povos da Floresta*.

— **Há algum projeto que possa reunir Paul Simon, Sting e Milton Nascimento, envolvendo a causa indígena ou até mesmo a preservação da Amazônia?**

— Por enquanto não conversamos sobre isto. Semana que vem eu vou gravar no disco do Paul Simon que fala de Brasil e África. Tenho planos com o Sting, mas nossos roteiros não se encontram. Enquanto eu estou no Alasca ele está no Japão e se eu vou para lá ele vem para o Brasil. Quando der, vamos trabalhar juntos.

— **Seu disco é um alerta para os problemas dos seringueiros, ribeirinhos e nações indígenas. Como você vê a participação do Governo Collor em relação a estas causas? Que tipo de política deveria ser elaborada para isto?**

— Esse Governo novo, para mim, é uma coisa muito misteriosa ainda. Não tenho e não sei o que dizer a este respeito, ainda. Tenho uma responsabilidade muito grande com as coisas que falo, ainda não posso dizer nada. Acho que tem uma pessoa lá, o Lutzemberg, que está trabalhando e a quem deposito extrema confiança. Mas o resto eu não sei, não os conheço.

— **Como você elaborou o trabalho específico das composições, que contam com as parcerias de Brant, Ronaldo Bastos, Caetano e Márcio Borges?**

— Eu só comecei a compor depois da viagem ao Acre, não logo em seguida, mas bem depois que voltei. Foi aí que coloquei toda essa coisa para fora, passei a contar para as pessoas como havia sido. Então, à medida em que eu ia fazendo as músicas eu já sentia o tema que iria abordar e quem seria o meu parceiro. Foi assim com todas elas. Chamei cada um em particular e a gente conversava sobre aquele assunto. Daí surgiram as letras.

— **Milton, uma definição de índio?**

— É a verdadeira história viva da humanidade.

## Marcos Terena viu mil tons

O objetivo deste trabalho do Milton é enaltecer a aliança dos povos da floresta. Os seringueiros, ribeirinhos e índios sempre foram colocados como inimigos, mas nasceu uma aliança para preservação da floresta, que tem uma consequência para o homem urbano. O Milton vai interferir junto ao público não-índio. Vai ser a voz do povo da floresta, através de sua sensibilidade e expressão. Nós passamos duas semanas navegando nesta região e dormindo na mata. Quando o barco encalhava, o Milton também tirava a roupa e colocava o pé no rio para empurrar. Isso é importante para quem quer conhecer a floresta e vivê-la. Um dos momentos mais marcantes foi durante o eclipse que vimos de dentro da mata. O Milton come-



Marcos une floresta e cidade: amigos da tribo urbana

çou a cantar e a voz dele ecoava na floresta. O fundo musical era de maracás que cantavam nas árvores. Foi lindo, ele cantando uma música sem

letra e a lua nascendo depois do eclipse. (Depoimento de Marcos Terena à repórter Carmem Moretzsohn.)

## Ailton Krenak mostrou tribos

Ailton Krenak é um Txai de Milton Nascimento. Milton é um dos mais queridos Txai de Ailton. A palavra que designa o parentesco daqueles que se unem pelo espírito é a melhor definição para este relacionamento que começou há mais de dois anos e que teve como consequência a viagem do cantor/compositor às aldeias do Norte do País. Ailton — juntamente com Marcos Terena — foi a ligação entre Milton e as nações indígenas. Cuidou para que o mineiro recebesse todas as informações sobre instrumentos e canções de cada tribo. O resultado está em *Txai*, disco que marca uma reviravolta no trabalho de Milton Nascimento.

**Jornal de Brasília — Você acompanhou o Milton nas pesquisas?**  
**Ailton Krenak —** O meu papel foi só de aproximação entre o Milton

e a arte musical das várias tribos. Tudo começou com a presença de representações indígenas nos shows de Milton. Daí, houve o convite para Milton participar das festas que acontecem o ano inteiro. Depois, os índios participaram da escolha das músicas do disco e cantaram com ele. Este trabalho de aproximação foi feito por mim e pelo Marcos Terena.

— **Por que a escolha de Milton como canal?**

— O Milton, há muito tempo, desde a década de 70, tem espírito e jeito de trabalhar sua criação com uma referência muito forte da música indígena. *Avá-Canoeiro*, por exemplo, foi uma música que homenageava e fazia um tributo aos índios ava canoeiros, que vivem no estado de Goiás, numa terra que está sendo ameaçada pela construção de uma hidrelétrica. Eles estão correndo risco de extinção. Muita gente ouve a música e não sabe que ela fala de uma gente que tem cheiro, humor, sonhos. Antes, ele já tinha feito *Testemunha*, home-

nageando pessoas que defendiam a causa indígena. Milton é identificado como amigo, como pessoa muito especial. Ele se aproximou como admirador da cultura indígena. O Milton dividiu o coração com o povo indígena, dividiu seu caminho com ele. Nós não nos procuramos: o encontro aconteceu.

— **Qual a importância do disco para a divulgação da causa indígena?**

— A importância dele é para o ser humano e não só para a causa indígena. A mensagem que este povo canta junto com o Milton vai ser ouvida no mundo inteiro. Vai tocar o coração e o espírito dos homens. Não estamos pensando em retorno imediato para o nosso trabalho. Talvez, até hoje, as pessoas tenham tido pouca oportunidade de ver a cultura e o espírito indígena. Assim, o disco abre um caminho muito grande. Talvez num futuro próximo se encontrem discos totalmente com música indígena... (Carmem Moretzsohn)